



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE HISTÓRIA

JÚLIA CLARA DA COSTA SOUSA

**“O SONHO DELA SE ESPALHO”:  
MARGARIDA MARIA ALVES – REVISÃO DE LITERATURA E TRAJETÓRIA DE  
UMA MULHER PARAIBANA**

GUARABIRA-PB  
2023

JÚLIA CLARA DA COSTA SOUSA

**“O SONHO DELA SE ESPALHO”:  
MARGARIDA MARIA ALVES – REVISÃO DE LITERATURA E TRAJETÓRIA DE  
UMA MULHER PARAIBANA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado à Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do grau de licenciada em História.

Área de concentração: História e estudos culturais – etnia, crença, gênero e sensibilidade.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Dayane Nascimento Sobreira

GUARABIRA-PB  
2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S725s Sousa, Julia Clara da Costa.  
O sonho dela se espalhou [manuscrito] : Margarida Maria Alves - revisão de literatura e trajetória de uma mulher paraibana / Julia Clara da Costa Sousa. - 2023.  
30 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação : Profa. Dra. Dayane Nascimento Sobreira, Coordenação do Curso de História - CH."

1. Margarida Maria Alves. 2. Líder sindical. 3. História. 4. Memória. I. Título

21. ed. CDD 305.40981

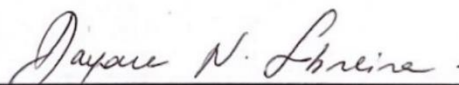
JÚLIA CLARA DA COSTA SOUSA

**"O SONHO DELA SE ESPALHOU":  
MARGARIDA MARIA ALVES – REVISÃO DE LITERATURA E TRAJETÓRIA DE  
UMA MULHER PARAIBANA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
(Monografia) apresentado à Coordenação do  
Curso História da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito à obtenção do grau  
de licenciada em História.

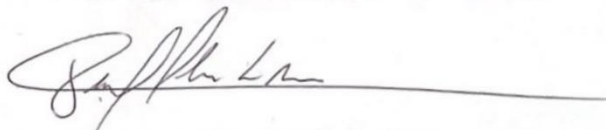
Aprovada em: 27/11/23

**BANCA EXAMINADORA**



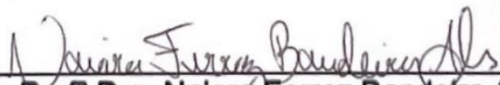
---

Prof<sup>a</sup> Dra. Dayane Nascimento Sobreira (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba



---

Prof<sup>a</sup> Dra. Susel Oliveira da Rosa  
Universidade Estadual da Paraíba



---

Prof<sup>a</sup> Dra. Naiara Ferraz Bandeira Alves  
Universidade Estadual da Paraíba

## RESUMO

Esta pesquisa visa ressaltar aspectos históricos do protagonismo da líder sindical Margarida Maria Alves, através dos objetos de memória (Le Goff, 2013; Halbwachs, 1990) que corroboram para resistência e permanência de seu legado. Nestes termos, nossa pesquisa objetiva coleta de material de estado de conhecimento/da arte (Ferreira, 2002) e, também, de documentos multifacetados (canções, poesias, material audiovisual), elementos que demarcam o protagonismo de Margarida e de sua contribuição para as lutas camponesas e dos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras rurais. A partir do estudo da música “Canção para Margarida”, de Zé Vicente, constituímos as simbologias que são mobilizadas na elaboração dos tópicos deste trabalho, ressaltando os elementos que “espalham” os sonhos de Margarida, como bem evidenciamos no nosso título, na repercussão de fontes e materiais históricos. Assim, elementos documentais multifacetados que servem como fontes muitas vezes oferecem perspectivas alternativas e não convencionais sobre eventos históricos. Isso desafia narrativas positivistas e permite que os/as historiadores/as considerem múltiplas interpretações dos acontecimentos – e especialmente o protagonismo das mulheres nas lutas nos espaços urbano e no rural no Brasil.

**Palavras-chave:** Margarida Maria Alves; Líder sindical; História; Memória.

## ABSTRACT

This research aims to highlight historical aspects of the protagonism of union leader Margarida Maria Alves, through objects of memory (Le Goff, 2013; Halbwachs, 1990) that corroborate the resistance and permanence of her legacy. In these terms, our research aims to collect state-of-the-art material (Ferreira, 2002) and multifaceted documents (songs, poetry, audiovisual material), elements that demarcate Margarida's leading role and her contribution to peasant struggles and the rights of rural workers. Based on the study of the song "Canção para Margarida" (Song for Margarida) by Zé Vicente, we have created the symbologies that are mobilized in the elaboration of the topics of this work, highlighting the elements that "spread" Margarida's dreams, as we made clear in our title, in the repercussion of historical sources and materials. Thus, multifaceted documentary elements that serve as sources often offer alternative and unconventional perspectives on historical events. This challenges positivist narratives and allows historians to consider multiple interpretations of events - and especially the role of women in the urban and rural spaces in Brazil.

**Keywords:** Margarida Maria Alves; Trade Union Leader; History; Memory.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>2 “MARGARIDA, MULHER DE FIBRA”: PRODUÇÃO E ESTADO DO CONHECIMENTO .....</b>	<b>10</b>
<b>3 “MARGARIDA SE CHAMOU”: HISTÓRIA E RESISTÊNCIA NO BREJO PARAIBANO .....</b>	<b>19</b>
3.1 NÃO FAZ TAMPO TEMPO, SEU MOÇO.....	20
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>27</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>29</b>



FUNDAÇÃO  
**Margarida  
Maria Alves**  
Filiada ao Movimento Nacional  
dos Direitos Humanos

**Margarida Maria Alves**

12/08/33 ✪ 12/08/83 †

Disponível em: <https://tjpb.jus.br/noticia/margarida-maria-alves-e-a-homenageada-do-mes-de-julho-do-calendario-do-tribunal-de-justica>. Acesso em: 06 nov. 2023.



## 1 INTRODUÇÃO

Margarida Maria Alves (1933-1983) foi uma sindicalista brasileira e defensora dos direitos trabalhistas. Ela ficou conhecida por sua atuação no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande, na Paraíba, Brasil. Dedicou-se a lutar pelos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras rurais, especialmente aqueles que trabalhavam em condições precárias nas plantações de cana de açúcar.

Ela liderou protestos e campanhas por melhores condições de trabalho, salários justos e melhores tratamentos para os trabalhadores rurais. Sua atuação sindical a colocou em conflito com fazendeiros locais e autoridades, tornando-a alvo de ameaças e violência. Em 1983, Margarida Maria Alves foi assassinada em frente à sua casa por pistoleiros a mando de fazendeiros.

Seu assassinato provocou indignação e mobilização em todo o Brasil, gerando uma maior conscientização sobre a situação dos trabalhadores rurais e a luta por seus direitos. Margarida Maria Alves é lembrada como uma mártir da luta sindical no Brasil, e seu legado perdura como símbolo de resistência e defesa dos direitos dos trabalhadores rurais.

Nestes termos, nossa pesquisa objetiva coletar de material de estado de conhecimento (Ferreira, 2002) e, também, de documentos multifacetados (canções, poesias, material audiovisual), elementos que demarcam o protagonismo de Margarida e de sua contribuição para as lutas camponesas e dos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras rurais.

A partir da análise da música “Canção para Margarida”, de Zé Vicente, constituímos as simbologias que são mobilizadas na elaboração dos tópicos deste trabalho, ressaltando os elementos que “espalham” os sonhos de Margarida, como bem evidenciamos no nosso título.

Com isso, tratamos os aspectos da investigação através de pesquisa documental e exploratória, levantando objetos teóricos que versam sobre aspectos relacionados às perspectivizações da memória (Le Goff, 2013; Halbwachs, 1990).

Além desta introdução, nosso artigo conta com uma seção que discute os aspectos teóricos já mencionados, e um tópico que seleciona elementos documentais como fonte das narrativas históricas que convergem para a iconização do simbolismo heroico de Margarida.

## 2 “MARGARIDA, MULHER DE FIBRA”: PRODUÇÃO E ESTADO DO CONHECIMENTO

O ponto cerne da evidenciação do objeto consiste em demarcar as limitações e transformações, com base no acontecimento histórico que rege a figura de Margarida Maria Alves como importante nome que, para além das lentes que limitam sua memória às causas trabalhistas e sindicais, é o mesmo que encontra coesão nas simbologias que a relacionam às figuras de lutas, firmezas, heroísmo, enaltecidas por importantes pesquisas que enfatizam esse tipo de protagonismo.

A partir do que preconizam os métodos sobre revisão da literatura, ou estado do conhecimento, nos termos de Ferreira (2002), nosso *continuum* perpassa a história e os estudos interdisciplinares sobre mulheres, gênero e feminismos, situando investigações que se alinham às prerrogativas de observação de uma mulher como marco de representação, memória e historicidade contributivas para (re)formulação discursivo-ideológica da história de uma região, o Brejo paraibano, historicamente marcado por lutas e pelo protagonismo de setores progressistas da Igreja Católica (França, 2020).

Assim, Margarida Maria Alves, ou simplesmente Margarida, se consolida como ideal monumental (Le Goff, 2013) para que muitos estudiosos se debrucem aos elementos constitutivos da memória que se reiteram como marcos que se deslocam e convergem enfaticamente para tal concepção.

É o que consiste, por exemplo, no estudo de Sobreira (2022), ressaltando seu objeto na perspectiva de ressaltar “epistemologias feministas” que se articulam, transdisciplinarmente, com as Ciências Sociais e a História, a fim de ressaltar as “resistências feministas de mulheres do campo, das águas e da floresta no Brasil organizadas e autodenominadas como Margaridas” (Sobreira, 2022, p. 10).

Essa idealização não parte de mera identificação e predileção por um ícone, mas vislumbra a acentuação da Marcha das Margaridas, como um movimento não tímido e inquietante, de militância das mulheres rurais que traz, enquanto ato, para além do político, trocas e interações que se repercutem, nos termos da pesquisadora, como “uma diversidade de experiências de resistência nos diferentes territórios” (Sobreira, 2022, p. 10).

A Marcha das Margaridas é uma ação política que desde o início dos anos 2000 vem ganhando grandes proporções que consiste na evidenciação e visibilidade das

lutas populares, para além do que esteja relacionado às causas feministas. A associação simbólica-representativa que (rela)acionam memória e imaginário (Margarida à flor de margarida), reitera, no curso da história, as relações presentes entre a figura mítico-simbólica da líder sindical e o ícone referencial imagético-simbólico.

O estudo de Sobreira (2022) evidencia, quanto à demarcação das rotas metodológicas situadas na história oral e nos caminhos da etnografia, sua identificação e participação nas marchas e colocam a investigadora no papel de pertencimento e local de fala. Esse formato de pesquisa participante diz que para além dos olhos do investigador, a aproximação e identificação com o objeto torna o intuito investigativo mais visceral, no sentido que há reiterabilidade e reafirmação das lutas, agora semeadas em outros campos, por exemplo, no ambiente acadêmico científico e, ainda, ultrapassando esses limites.

Ainda, na acentuação desses aspectos, a autora recorre à noção de memória, com base em Le Goff (2013) e Ricouer (2007), ressaltando que esta é “instrumento e objeto de poder e que está implicada na relação com o esquecimento” (Sobreira, 2022, p. 29). Com isso, destaca que sua finalidade é potencializar uma memória esquecida a partir da voz dos/as próprios/as sujeitos/as num exercício que se faz entre o individual e o coletivo e que ora desemboca numa operação escrita, historiográfica, que parte das inquietações do presente e abre espaço para o futuro.

A referida pesquisa ainda parte da relação entre o sindicalismo e o feminismo, que incidem das políticas públicas, pressionando os governos e exigindo respostas eficazes às suas questões ou lutas. Nesse intento, todas as mulheres que participam da ação, segundo a autora, são Margaridas, herdeiras de Margarida Maria Alves, líder sindical assassinada na Paraíba em 1983, mais precisamente na cidade de Alagoa Grande, de onde era natural.

A Marcha das Margaridas, tão evidenciada neste estudo, se afirma como ponto de partida para construção de novas rotas para o engajamento das causas e movimentos populares, agindo precisamente para reformulação da história dos movimentos de mulheres rurais no Brasil e também na América Latina, “cujas raízes remontam aos interiores do Brasil nas últimas décadas do século XX e para as brigas travadas nos sindicatos, associações e nas próprias famílias por espaço, participação e autonomia sobre seus corpos, suas vidas e seus entornos” (Sobreira, 2022, p. 10).

Já outra autora, Ferreira (2017), traz à tona pontos primordiais que destacam elas, as “Margaridas”, mulheres que continuam reverberando dos discursos construídos a partir das lutas camponesas e sindicais, para além da concepção de ato político, levando em consideração a intensificação das práticas de lutas, como marcos de educação política por direitos.

Nesse contexto, Ferreira (2017) ressalta que sua obra, para além de destacar os feitos e os marcos que inserem Margarida Maria Alves como ícone de lutas e símbolo das conquistas sindicais, ressalta os aspectos pedagogizantes que indiciam e legitimam conquistas das minorias que foram dessilenciadas a partir daquele fatídico 12 de agosto de 1983.

Outrossim, Ferreira destaca o desvínculo imaginário-cultural que repousa sobre a fragilidade da mulher, ao destacar que

Nessa vivência, ficou mais nítida a aproximação real dos conflitos sociais de gênero que se refletiam diretamente na minha vida, como a opressão vivenciada na família, nos espaços políticos e acadêmicos. Aliás, mesmo na academia, percebe-se que esta incorpora, ainda hoje, cultura de aptidões diferenciadas para homens e mulheres, pois, como diz Perrot (1998, p.17), em sindicatos, partidos e universidades, prevalece o entendimento de que “cabe ao homem: o cérebro, a inteligência, a razão lúcida e a capacidade de decisão. E à mulher: o coração, a sensibilidade e os sentimentos”, a conformidade com os princípios filosóficos do positivismo (Ferreira, 2017, p. 21).

Ao se colocar como sujeito que traz aspectos que emanam para além da especulação positivista que ainda paira nas dinâmicas da academia, Ferreira (2017) destaca que a produção sobre a história de mulheres, na Paraíba, mesmo ainda considerada tímida, tida na área da Educação como tema emergente, dava-se dentro e fora da academia, na medida em que não se limitava apenas aos registros de cunho biográfico.

Antes disso, Duarte (2014) já discutia o processo de formação político-ideológico deste determinado sujeito político que se impõe continuamente até os dias atuais: as mulheres trabalhadoras rurais da microrregião do Brejo Paraibano, que a partir da década de 1980 ganham visibilidade através de dois movimentos específicos: o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Brejo (MMB) e o Movimento de Mulheres Trabalhadoras da Paraíba (MMT/PB). A autora, por conseguinte, destaca que “esse período é retratado pelo brutal avanço do sistema capitalista no espaço agrário paraibano através da monocultura da cana de açúcar e refletiu na

expropriação e exploração dos camponeses e trabalhadores rurais da região” (Duarte, 2014, p. 09). Então, como resultado deste marco, a classe trabalhadora do espaço agrário paraibano e os camponeses reorganizam-se através de determinadas representações de classes: os sindicatos rurais, as pastorais rurais e os movimentos sociais.

A morte de Margarida, por assassinato, é o evento que, nos termos de Barros (2013), a torna, como aspecto das incursões da memória, como “monumento”, sendo fortemente sustentado por seus defensores, “os envolvidos nos movimentos sociais, trabalhadores do campo” (Barros, 2013, p. 31), por exemplo.

Segundo Barros (2013, p. 177),

Camponesa, líder dos trabalhadores rurais da Paraíba e Presidente do Sindicato Rural de Alagoa Grande, Margarida Maria Alves tornou-se um brasão de luta para os trabalhadores e trabalhadoras rurais em todo o Brasil, em especial em Alagoa Grande, sua terra natal, sendo instituído o dia 12 de agosto, data de seu assassinato como lugar de memória nas celebrações do município, momento em que os trabalhadores relembram Margarida Alves enquanto denunciam a impunidade de seus assassinos e a renitente violência no campo, em meio aos discursos em defesa da reforma agrária. Desta forma, tornam atual a luta e o martírio desta líder sindical, chegando a instituir o dia 12 de agosto como o Dia Nacional Contra a Violência no Campo e Pela Reforma Agrária. [...] Margarida Maria Alves nasceu em 5 de agosto de 1933, no sítio do Jacu, Alagoa Grande, interior da Paraíba, e faleceu em 12 de agosto de 1983, vítima de uma emboscada patrocinada por usineiros e latifundiários da região do brejo paraibano.

Para a referida pesquisadora, o reconhecimento de Margarida é construído ao longo de 23 anos em que participou do movimento sindical de Alagoa Grande, atuando na organização de outros sindicatos de trabalhadores rurais na região da lavoura canavieira da Paraíba, chegando a influenciar nas políticas de Confederação dos Trabalhadores da Agricultura (CONTAG) (Barros, 2013). Destaca-se, ainda, que por 12 anos Margarida dirigiu os trabalhadores rurais de Alagoa Grande, de onde se institucionalizavam os atos sindicais pelas causas legítimas impetradas pelo direito trabalhista vigente e previsto pela consolidação das leis trabalhistas do Brasil, a CLT. Na pesquisa, destaca-se que foi durante todo esse período, que Margarida conheceu e estreitou relações com outras mulheres camponesas, que se engajariam na luta campesina, tornando-se lideranças sindicais, num espaço historicamente marcado pela pouca participação feminina e, ainda, justificando o que os discursos de

interações, diálogos, trocas e inter-espços chamam de “cultivar a semente, ou, as mudas de margaridas”.

Em 1972 Margarida conheceu Maria da Penha Nascimento, que passou a atuar no Sindicato de Alagoa Grande; em 1975, conheceu a camponesa Maria da Soledade Leite, camponesa-repentista que, juntamente com as mulheres do Brejo paraibano e demais camponesas, se dedicaram a luta pela punição dos assassinos de Margarida Maria Alves. Durante sua vida como sindicalista, Margarida Alves direcionou suas lutas para a defesa da sindicalização, para a conquista dos direitos trabalhistas, a exemplo das reivindicações por carteiras assinadas, por férias, pelo décimo terceiro salário, pelo repouso remunerado e pela participação organizada das mulheres camponesas. Participou da construção e fundação do Centro de Educação do Trabalhador Rural – CENTRU – tendo como objetivo o desenvolvimento de ações pedagógicas que contribuíssem para a formação política dos (as) camponeses(as). Foi também uma das fundadoras da primeira organização composta só por mulheres, da América Latina, o Movimento de Mulheres do Brejo (MMB) (Barros, 2013, p. 179).

A pesquisa de Barros (2013) não se reporta diretamente à observação de Margarida enquanto objeto historiográfico, mas a associa como monumento de memória de um *locus* que produziu outros importantes ícones, a exemplo de Jackson do Pandeiro. A investigadora se utiliza das projeções de Albuquerque Júnior (2007) que, na seara do acontecimento local, como acontece a partir do assassinato de Margarida, "qualquer evento histórico é uma mistura tal de variáveis, é fruto do entrelaçamento de tantos outros eventos de natureza diferenciada, que sempre visualizamos apenas parcialmente e pomos em evidência apenas alguns destes elementos que o constituem" (Albuquerque Júnior, 2007, p. 29). Assim, compreender a escrita da história desta personagem é compreender também a sua construção no lugar, do município em questão, e vem sendo retomados no tempo presente, mesmo que de forma diferenciada, em um emaranhado discursivo pela administração local como estratégia de demarcar identitariamente esse *lugar* (Certeau, 2008).

Margarida, flor, mulher, guerreira, são exemplos de epítetos altamente recorridos para a designação da representação da líder sindical que se repercute no universo contextual de nossa pesquisa. Essas incursões são viabilizadas pela disseminação de discursos alinhados às causas femininas. Nesse contexto, surgem as contribuições de Silva (2008), para ressaltar o imaginário construído a partir de um adágio amplamente conhecido e reforçado pelo cancionista popular – “Paraíba, mulher macho sim sinhô”, objetivando analisar as produções discursivas que

historicamente possibilitaram a emergência da imagem “Paraíba, mulher-macho”, ao longo do século XX, como uma identidade para o Estado e as mulheres que nele vivem.

Silva (2008) ressalta que embora considerando a música Paraíba, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, lançada em 1950, como síntese desta nomeação, compreende-se aqui que ela faz ressoar sentidos que se encontravam em movimento, atualizando a memória da revolução de 1930 e seus referenciais políticos e de gênero. Para esta compreensão, foram cruzadas fontes relacionadas a tais contextos, bem como suas implicações em debates mais recentes, sobretudo os que a partir dos anos 1980 (re)modelam tal imagem em associação com outros ícones, especialmente com a da professora e escritora Anayde Beiriz (1905-1930), de acordo com seu objeto de investigação e, relacionado ao nosso, ao exemplo de Margarida Maria Alves.

Na pesquisa de Silva (2008), a menção à Margarida se dá no intento de “tecer as diferenciações entre os significados que comumente se atribuem à ‘mulher-macho’ urbana e a que se associa a vida campesina, interiorana” para que seja articulada à noção de “guerreira”, como também se refere à Elizabeth Teixeira<sup>1</sup>.

Aproveitando-se dos traços que as diferem e/ou as aproximam, faço uma incursão pela literatura, com obras de diferentes momentos do século XX, que personificaram a figura da mulher-macho sertaneja, colaborando na invenção deste corpo ambíguo que comumente se atribui às mulheres do Nordeste e que, sem dúvida, colaboraram para sua associação com as que vivem na Paraíba (Silva, 2008, p. 22).

A pesquisadora, no cotejo de seu estudo, problematiza a construção de corporeidades, apontando os dispositivos que, segundo ressalta, instituem e regulam lugares para o masculino e o feminino, discutindo também as linhas de fugas traçadas

---

<sup>1</sup> Segundo Silva (2008, p. 105-106), “Elizabeth Altino Teixeira, embora projetada como liderança após ficar viúva, com 11 filhos, já estava há muito envolvida na luta e tem sua vida marcada por conflitos; primeiro, com sua família, que não aprovava seu casamento com João Pedro, por este ser negro e sem recursos, e que se recusou a apoiá-la depois da morte dele, quando ela se viu desterrada pelas ameaças sofridas e pelas dificuldades de sobrevivência. Com a família destruída pela morte violenta do marido, seguindo-se uma tentativa de assassinato de um dos filhos e o suicídio de outra, Elizabeth teve ainda que enfrentar as perseguições da Ditadura Militar, tendo sido presa por cerca de seis meses. Depois de liberada, refugiou-se com outra identidade no Rio Grande do Norte. Sua trajetória ficou conhecida nacionalmente com o filme *Cabra Marcado para Morrer*, de Eduardo Coutinho, inicialmente produzido pelo Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE), depois pela Mapa Filmes e pelo próprio Coutinho, lançado em 1984, no mesmo contexto da repercussão da morte de Margarida Alves e do filme *Parahyba Mulher Macho*. Assim, além da sua história de vida está atravessada por signos que a inscrevem também no território de mulher bravia, corajosa, líder, sua imagem é projetada num contexto fértil aos traços de heroificação de mulheres marcadas por histórias de violência e opressão, como nos casos de Anayde Beiriz e Margarida Alves”.

e experimentadas por subjetividades transgressivas, inscritas em zonas fronteiriças de saber e poder. Nestes termos, são apresentados aspectos que se repercutem como uma operação narrativa que coloca em cena embates em torno da história, enquanto *lócus* constituído e constituinte de lugares e imagens de gênero (Silva, 2008).

Nesta pesquisa, Silva (2008, p. 95) destaca que

No mesmo estrato discursivo que possibilita emergir estas sínteses do feminino com todas as suas brechas, desvios, encontro outras referências que me possibilitam cruzar territórios à procura dos signos que presentificam a “mulher-macho”. Ainda em meados dos anos 1980, uma série de acontecimentos também noticiados pela imprensa, guia-me por outras rotas e paisagens, deixando um pouco a área mais urbanizada para perceber os movimentos que, agitando o campo e pequenas localidades do interior do Estado, colocam em evidência signos associados à imagem da “mulher-macho” e, a partir de outros corpos, construtos da identidade paraibana relacionados ao arquétipo da guerreira.

Então, aspecto enfim ressaltado pelo prisma das histórias marcantes de lutas no campo e registro de fortes lideranças nas décadas anteriores, mais uma das “mulher-macho” é assassinada em meio aos conflitos entre camponeses e latifundiários: a sindicalista Margarida Maria Alves.

Silva (2008) ressalta, neste aspecto, que a narrativa sobre o encontro fatal de Margarida com os seus assassinos sempre realça como uma tocaia que a pegou desprevenida e indefesa, a fez calar violentamente, uma vez que se arranjava o momento histórico em que uma das vozes mais atuantes do movimento de trabalhadores da terra e sem-terra, bem como as crônicas, poemas, livros e filmes que se produziu a partir de então acerca de sua vida e morte, “projeta signos de vitimização e heroicidade, signos também das relações de gênero e da corporeidade, que intensificam o fluxo das imagens que o estudo ressalta” (Silva, 2008, p. 95).

Assim,

A imagem de guerreira associada à Margarida vem, pode-se dizer assim, de outra matriz, de um outro estrato arqueológico que diferencia, se não totalmente, mas em aspectos importantes, a “mulher-macho” relacionada à vida urbana daquela associada ao mundo campesino, em particular à vida rural nordestina. O Nordeste, como esta espacialidade também constituída de gênero, inscrita nas produções discursivas como lugar de cabra-macho, de homens fortes, rudes, resistentes, como as características atribuídas a seu ecossistema — por estar nestas mesmas produções referenciado,



principalmente, como e a partir de suas regiões interioranas — também se tornou conhecido pela imagem de suas mulheres viris e bravias. Um rol de personagens na literatura, no cinema e na televisão vem com o tempo alimentando e pondo em funcionamento estes signos, que também se fazem presente nos discursos que tomam para si o apelo da verdade, da realidade, como na historiografia e na imprensa (Silva, 2008, p. 96).

Neste aspecto, Rosa (2015, p. 315), ressalta que

Mulheres como Elizabeth Teixeira e Margarida Maria Alves investiram no cuidado com o mundo no sentido arendtiano de pensar sobre seu tempo e agir no espaço público. Tanto Elizabeth Teixeira quanto Margarida Alves têm em comum o território-espaço onde viveram: a Paraíba. Elizabeth Teixeira assumiu papel central de liderança na Liga Camponesa de Sapé – cidade localizada na região do chamado Brejo Paraibano, território que foi alvo de repressão intensa, tanto dos latifundiários (e seus pistoleiros), quanto do Estado. Espaço que congrega muitos municípios e faz fronteira com Rio Grande do Norte e Pernambuco – logo após o assassinato de João Pedro Teixeira<sup>6</sup>. Margarida Maria Alves foi líder sindical, ligada ao Sindicato dos trabalhadores Rurais da cidade de Alagoa Grande/PB e ao Movimento das Mulheres Camponesas da Paraíba. Foi assassinada por pistoleiros de latifundiários e usineiros no ano de 1983. Sobre ambas já temos alguma produção bibliográfica que trata de registrar suas trajetórias.

O estudo de Rosa (2015) traz mais uma acepção à construção imagética de Margarida: a ideia de corporeidade marcada pelos incursos simbólico-discursivos marcados pelas narrativas que chancelam o ícone histórico. A autora, neste sentido, reflete que os relatos e representações de Margarida Maria Alves estão sempre acompanhados da descrição da mulher que, apesar de ocupar o espaço público da arena política, de coordenar um sindicato e ocupar o lugar de líder da luta dos camponeses frente aos latifundiários, não deixou de ser uma excelente mãe, esposa e religiosa.

Assim, os elementos elencados são aspectos, ou mesmo, características que, quando enfatizadas, são prototípicas e simbólicas da líder dos trabalhadores rurais que atenuamos em nossa pesquisa. Com isso, Rosa (2015, p. 319) enfatiza que “é o corpo das mulheres, sua sexualidade e sua capacidade reprodutiva que são enfatizados. Dessa vez, para mostrar que ocupar o espaço público não deve excluir o lugar de ser o sexo e a maternidade”.

O conglomerado de aspectos que reunimos para a demarcação da refiguração simbólica em que desloca Margarida do lugar de mártir e a coloca na cena para além

do que a história preconiza no lugar de símbolo persistente e atual, acentuando seu protagonismo; hoje é inspiração para uma das maiores ações de mulheres da América Latina, a Marcha das Margaridas, como falamos.

### **3 “MARGARIDA SE CHAMOU”: HISTÓRIA E RESISTÊNCIA NO BREJO PARAIBANO**

A constituição da história de Margarida e sua amalgamação simbólica está diretamente ligada aos semantismos que desembocam para sua persistência enquanto marco para lutas puramente legítimas de trabalhadoras e trabalhadoras que ainda sofrem com os mesmos anseios que foram desvelados e quase silenciados pela morte da líder sindical que aqui ressaltamos.

Nestes termos, refletimos como são elaborados os simbolismos que circulam em todos de Margarida, enquanto ícone: de lutas, de liderança, de empoderamento e protagonismo. Primeiramente, sob a perspectiva de Le Goff (2013), entendemos a elucubração monumental a partir da existência de Margarida e seus feitos que persistem e resistem às dinâmicas do tempo e se repercutem como testemunhas físicas do passado e são usados para construir narrativas históricas.

Segundo Le Goff (2013), um monumento é uma forma de documento material, muitas vezes não textual, que carrega significados históricos e culturais. Os monumentos incluem estruturas físicas, arte, edifícios, estátuas e outros objetos que são construídos e preservados para representar e comemorar eventos, pessoas ou ideias do passado.

Ao relacionarmos Margarida a um monumento, reconhecemos sua dimensão simbólica amplamente enaltecida para transmitir uma mensagem sobre a história e a identidade de uma sociedade, povo e cultura situados num contexto campestre, que se reveste de aspectos multifacetados para expressar poder, religião, memória coletiva e valores culturais.

A convencionalização de Margarida numa ótica monumental se elabora através dos impactos e incursões de uma memória coletiva. A respeito disso, Halbwachs (1990) examina como as memórias individuais são influenciadas pelos contextos sociais e culturais em que as pessoas vivem e como se relacionam mutuamente para a consolidação do coletivo.

A obra de Halbwachs (1990) destaca a importância dos grupos sociais na formação da memória e na definição da identidade cultural de uma sociedade. Nestes termos, todos os eventos que se utilizam do imaginário simbólico construído a partir das lutas que foram iniciadas por Margarida e as que se consolidaram após sua vida

ser ceifada, são elementos de preservação da memória e setas para consolidação do ideário monumental (Le Goff, 2013) em torno da figura da líder sindical.

Vislumbramos o fenômeno “Margarida” dentro da tida “complexa” relação entre documento e monumento, uma vez que ambos, segundo Le Goff (2013) desempenham um papel essencial na construção e interpretação da história, e este autor argumenta que a história não deve ser limitada apenas aos documentos escritos. Nessa perspectiva, os monumentos, como documentos materiais, também têm a capacidade de transmitir informações sobre o passado e influenciar a memória coletiva de uma sociedade.

Nesta seção, nos utilizamos de materiais que a partir de seu impacto documental consolidam a figuração monumental/simbólica de Margarida, uma vez que mobilizados para elaboração de uma narrativa que leva em consideração a interpretação crítica e a análise cuidadosa de ambas as formas de fontes históricas que são necessárias para obter uma compreensão mais completa e rica do passado.

Portanto, a relação entre documento e monumento é uma parte importante da metodologia histórica que ajuda os historiadores a construir narrativas históricas mais abrangentes e contextualizadas.

### 3.1 NÃO FAZ TANTO TEMPO, SEU MOÇO...

A canção de Zé Vicente intitulada “Canção para Margarida” (s/d)<sup>2</sup> conta a história dessa mulher que, pelo curso de seus feitos e dos resultados de suas lutas, se tornou uma mártir – para os cristãos, alguém que em nome de uma causa maior (sua fé) doou sua vida/ou lhe foi tirada de modo radical.

Na letra, o compositor destaca, sob o prisma da licença poética, a narrativa que relata a trajetória de Margarida, a partir do marco da tentativa de “silenciamento” através de sua morte:

*Não faz muito tempo, seu moço  
Nas terras da Paraíba  
Viveu uma mulher de fibra  
Margarida se chamou*

*E um patrão com uma bala*

---

<sup>2</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=LxNcmPHadac&ab\\_channel=Z%C3%A9VicenteOficial](https://www.youtube.com/watch?v=LxNcmPHadac&ab_channel=Z%C3%A9VicenteOficial). Acesso em: 06 nov. 2023.

*Tentou calar sua fala  
E o sonho dela se espalhou*

*Já faz muito tempo, seu moço  
Que enriba deste chão  
E em toda nossa Nação  
O pobre é pra lá e pra cá*

*Lavrador faz mas não come  
E a miséria é sobrenome  
Do povo deste lugar*

*E quando na carne da gente ardia a opressão  
Margarida erguia a mão  
E seu grito era o nosso clamor*

*Daqui a algum tempo, seu moço  
Se a gente não se cuidar  
Se o pobre não se ajudar  
Tubarão engole a alegria*

*Pois o jeito é treinar o braço  
Para desatar esse laço  
Que amarra o fulô do dia*

*E quando na roça da gente brilhar as espigas  
Vai ter festa e nas cantigas  
Margarida vai viver  
E quando na praça e na rua florir Margaridas  
Vai ser bonito de ver*

*Vai ser bonito de viver!*

A luta de Margarida ganhou voz e amalgamou simbolismos por diversos direitos, desde os trabalhistas às equiparações sexistas, onde as lideranças eram culturalmente associadas à presença masculina. A liderança de Margarida se deu dentre muitos protagonismos; desde pastorais, dentro da igreja católica, ligadas às questões da terra; na comunidade onde morava; no partidarismo político e cresceu mais ainda, segundo Ferreira (2017), sob a perspectiva da reincidência de um assassinato que tentou fazer com que as lutas dos trabalhadores desprivilegiados fossem apagadas.

Toda contribuição de Ferreira (2017) e os documentos de memória que através de registral multifacetado, a exemplo de canções e outras produções audiovisuais demonstram, de forma inequívoca, que Margarida Maria Alves “continua viva nas lembranças paraibanas, como figura feminina exemplar, na ininterrupta construção de

um mundo sonhado pelos camponeses e camponesas da Paraíba, para o nosso Estado e para o nosso país” (Ferreira, 2017, p. 13).

Voltando à composição de Zé Vicente, há a denúncia da exploração da produtividade barateada, além do convite para humanização e articulação das forças por direito de justiça, do qual Margarida indiciou com suas lutas que lhe fez ceifar sua vida. É consenso de que este evento provocou uma reverberação ensurdecadora das lutas pelos direitos trabalhistas, pelas desproporções sexistas, dos crimes diversos contra mulheres protagonistas, ou, nos termos de Duarte (2014, p. 14),

As relações assimétricas de gênero são produtos e processos sociais que fundamentam-se em ideias, valores e “papéis” definidos historicamente de forma desigual e hierarquizada para homens e mulheres. Comumente, as relações de gênero estão sustentadas em convenções sociais que atribuem para as mulheres um lugar específico: o privado.

Disso, depreendemos que devemos ressaltar a importância de compreender as relações de gênero como produtos e processos sociais que não são integrados, mas sim construídos pela sociedade ao longo da história. Ao ressaltar que essas relações são assimétricas, Duarte (2014) destaca que há desigualdades e condições entre homens e mulheres. Essa assimetria é baseada em ideias, valores e “papéis” habituais definidos e que muitas vezes colocam as mulheres em posições subalternas. A menção à atribuição de espaço “privado” às mulheres é particularmente importante. Historicamente, as mulheres eram frequentemente relegadas ao âmbito doméstico, enquanto os homens ocupavam espaços públicos e tinham mais acesso ao poder e à influência na sociedade. Essa divisão de gênero entre o público e o privado contribui para a manutenção das desigualdades e das relações de poder desiguais.

Compreender as relações de gênero como construções sociais é fundamental para identificar e abordar as desigualdades de gênero e trabalhar em direção a uma sociedade mais igualitária. Isso envolve questionar as normas de gênero tradicionais, desafiar estereótipos de gênero e promover a igualdade de oportunidades para todos, independentemente do gênero.

Embora a letra da música não aborde explicitamente a violência sexista, ela toca em temas de desigualdade de gênero, opressão e resistência em um contexto mais amplo de lutas sociais e econômicas. A história de Margarida serve como um exemplo de alguém que se decidiu a ser silenciado e transferido por mudanças em

sua comunidade e país. A música enfatiza a importância da união e da ação coletiva para superar desafios sociais e econômicos.

Selecionamos, também o conteúdo audiovisual publicado no YouTube<sup>3</sup>, em 2017, intitulado “Um canto à Margarida”, do *rapper* Markão Aborígene. No clipe, são mostradas imagens de Alagoa Grande, cidade onde nasceu e morreu a líder sindical. Além disso, muitas relações são feitas e a história é narrada. Um trecho da música de Zé Vicente é retomado, para ressaltar o simbolismo da “mulher de fibra” que Margarida representava. A letra da música:

*É melhor morrer na luta que morrer de fome  
Em vão não será  
É melhor morrer na luta que morrer de fome  
Não vão nos calar*

*Uma casa de taipa, candeeiro e lampião  
Lenhas amontoadas debaixo de um fogão  
Aquecendo a pouca água que receberá o feijão  
Misturado à farinha, no dia, única refeição  
Margarida, irmã caçula de oito irmãos  
Em sua infância já carrega calos pelas mãos  
Bonecas? Enxada. Escolas? Roçado  
Resposta dada desde infância ao proletariado  
Quem dera o açude sempre cheio, a perder de vista  
Sem pensar em dividir a água com o gado e com a filha  
Os coronéis não sabem disto, não vivem isto  
Camisa de seda e pele branca, graças ao serviço  
De centenas, a dura pena, pequeno salário  
Sem terra, sem direitos, mas há um sindicato  
Lutando contra a grande exploração  
De agricultores e agricultoras deste imenso sertão  
Tão parecida neste instante com a cidade grande  
Aqui coronéis, lá comandantes  
Aqui mata lavrador, lá estudantes  
Terras e Governo a preço de sangue. É ditadura  
No campo, mil assassinatos em 20 anos  
Senhores de engenho de engenho, seguem lucrando  
Uma minoria detém metade das terras  
E por século no campo reina a miséria  
Neste contexto do interior brasileiro  
A luta de Margarida surge na Paraíba como berço  
Em 73 assume o Sindicato  
E Alagoa Grande ver esperança em seus atos  
Só deixo de luta quando morrer  
Enquanto a chama no peito ainda arder  
E o jardim brasileiro se alegra com esta semente  
Margarida Alves Presente!*

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VkMzClzRbII>. Acesso em: 06 nov. 2023.

*É melhor morrer na luta que morrer de fome  
Em vão não será  
É melhor morrer na luta que morrer de fome  
Não vão nos calar*

*Não faz muito tempo, seu moço  
Nas terras da Paraíba  
Viveu uma mulher de fibra  
Margarida se chamou  
E um patrão com uma bala  
Tentou calar sua fala  
E o sonho dela se espalhou  
Margarida moveu ações contra o latifúndio  
Defendendo interesses de seu povo com orgulho  
Por que o trabalhador rural não pode ter férias?  
Com uma carteira de trabalho em branco que garante a miséria  
centenas de ações movidas pelo sindicato  
Por 13º e jornada e trabalho  
Foram 12 anos de gestão  
Militância que denunciava a opressão do patrão  
Lutou por educação num mundo de labuta  
Entre analfabetos fundou o Centro de Educação e Cultura  
E sua luta incomoda  
Passa a receber ameaças que batem em sua porta  
Mesmo assim não se cala  
Até o presidente ditador recebeu sua carta  
Margarida é exemplo e modelo de força  
Inteligente, articulada, protetora  
Mas o Sr. de engenho, lá da usina de cana  
Passa a pagar pistoleiros, capangas  
Margarida ameaçada por este homem  
Diz 'é melhor morrer na luta que morrem de fome'  
Seu filho de 10 anos irá presenciar  
Uma cena que jamais há de esquecer  
Um capanga, calibre 12 a atirar  
Margarida em nós não vai morrer!*

*É melhor morrer na luta que morrer de fome  
Envão não será  
É melhor morrer na luta que morrer de fome  
Não vão nos calar*

Por sua constituição estética, em detrimento a muitas outras poesias musicadas, o rap, por sua cadência, possibilita que detalhes sejam oferecidos sob a pecha da composição musical. Origem, dados sobre sua constituição familiar, ano em que assumira a liderança sindical do lugar onde morava e, o mais importante, um jargão que se transformou no *slogan* das lutas, para além das camponesas, mas das lideranças e protagonismos diversos de um povo: *é melhor morrer na luta do que morrer de fome*.



Sobreira (2022) destaca outros materiais que evidenciam os feitos de Margarida, a exemplo da reunião de poemas de cordel dedicadas ao Sindicato de Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande em homenagem a Margarida Maria Alves, inicia com o Poema do trabalhador rural, de Eugênio Marinho de Luna, do STR de Alagoa Grande:

Ficarás registrada na história  
das mulheres heroínas brasileiras  
Marchastes resoluto por vitória

És igual a Joana D'Arc combatente  
Maria Quitéria, jovem valente  
Soror Joana Angélica  
que enfrentou a própria morte

A princesa Isabel, tão destemida  
eu comparo contigo, ô Margarida  
heróina, lutadora, mulher forte  
(Luna, 1984 apud Sobreira, 2022, p. 61-62)

Sobreira (2022) ressalta que nestes versos de cordel foram evocados o caráter heroico de Margarida Alves, comparando-a a grandes mártires como Joana D'Arc, Maria Quitéria, Joana Angélica. Em alguns momentos chegando a ser comparada a Jesus Cristo.

Margarida, que era católica e participava da CPT (Comissão Pastoral da Terra), segundo a jornalista Lua Lacerda (2022), foi considerada elegível ao processo de canonização pela igreja católica, ano passado, em notícia publicada pelo jornal da Paraíba:

A sindicalista e defensora dos direitos dos trabalhadores rurais Margarida Maria Alves pode se tornar a primeira santa paraibana pela Igreja Ortodoxa. O processo se iniciou através do pedido de fiéis da Igreja Ortodoxa Autônoma Greco Brasileira de Campina Grande. A canonização já foi aprovada por uma comissão e, atualmente, necessita da aprovação do Sínodo, que é uma reunião de bispos. A previsão é que Margarida, que já foi beatificada pela Igreja Ortodoxa em abril de 2020, seja canonizada até agosto de 2023 (Jornal da Paraíba, 14 jul. 2022).

Dentre todos os documentos listados, percebemos que o espectro das honrarias de Margarida ainda resiste e é acionado cada vez que uma referência ou simbolismo pela luta dos trabalhadores populares, que sobrevivem da terra e do que dela pode-se retirar. Além disso, Margarida tem sido ícones para que o letramento das

questões feministas seja acessado, na tentativa de oferecer informações sobre o universo feminino, discussões e pertencimentos. Margarida também representa lutas legítimas pelo reconhecimento das não hegemonias que circulam em nossa cultura, ainda profundamente patriarcal e racista.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida e morte de Margarida, como ressaltamos em nosso trabalho de estado da arte, chega até os dias de hoje em lugares inimagináveis, para além dos limites e apropriações acadêmicas. O simbolismo inerente à figuração heroica e a ambientação contextual do evento que ceifa a vida de Margarida a coloca em diversos imaginários e tipificações que não se restringem à esfera jurídica ou histórica. Margarida vive nas cantigas, nas rodas, nas marchas e na cultura popular.

Como vimos, a História se apropria de canções, poesias e eventos de diversas maneiras para recontar narrativas históricas. Essas expressões artísticas e eventos são recursos valiosos para historiadores, pois oferecem *insights* sobre a cultura, os sentimentos, as perspectivas e as experiências de um determinado período.

Margarida vem sendo reiterada, desde sua morte, a partir de discursos e narrativas que se materializa em diversos documentos. Com isso, refletimos que canções, poesias e eventos, como relacionamos nesta pesquisa, são consideradas fontes primárias, o que significa que são documentos escritos ou materiais criados para além da época do evento em questão.

Historiadores, como nosso caso, utilizam-se dessas fontes para obter uma visão direta e autêntica do passado. Canções e poesias podem revelar emoções, valores, opiniões e experiências pessoais da época e ainda contextualizam as canções e poesias, examinando o ambiente cultural e social em que foram criados. Isso permite que eles entendam melhor o significado e o propósito dessas expressões artísticas em seu contexto original.

Na construção da memória coletiva, esses materiais podem celebrar heróis/heroínas, eventos históricos ou transmitir valores culturais. Ao analisar essas expressões artísticas, os podemos entender como a sociedade recorda e interpreta seu próprio passado, uma vez que estes frequentemente descrevem eventos históricos de maneira poética ou simbólica.

As canções e poesias muitas vezes oferecem perspectivas alternativas e não convencionais sobre eventos históricos. Isso desafia narrativas positivistas e permite que os historiadores considerem múltiplas interpretações dos acontecimentos.

Metodologias que expressam e documentam com dispositivos multifacetados as narrativas analisadas são verdadeiros espelhos das culturas e das necessidades

da contemporaneidade articuladas a partir de marcos históricos: o estabelecimento de ícones. Assim, mobilizamos Margarida dentro deste semantismo.

Assim, o impacto de se utilizar para além dos produtos que fundamentam um estado do conhecimento, canções, poesias e eventos culturais na pesquisa e na apresentação da história é multifacetado e positivo. Isso torna a história mais acessível, inclusiva e enriquecedora, permitindo uma compreensão mais completa e profunda do passado humano. Por esse motivo que nossa pesquisa se coloca à disposição dos novos olhares e de novas pontes de perspectivas, visando contribuir para continuísmos e para a intensificação do reconhecimento dos protagonismos femininos – e feministas, especialmente no campo, cenário de resistência de Margarida e das Margaridas.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História. A arte de inventar o passado: ensaios de teoria da história.** Bauru-SP: Edusc, 2007.

BARROS, Lucilvana Ferreira. **Jackson do Pandeiro o rei do ritmo: a construção de um artista monumento.** Dissertação de Mestrado em História. Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Campina Grande – Paraíba - Brasil, 2013.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1 – Artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 2008.

DUARTE, Emmy Lyra. **Movimento de Mulheres Trabalhadoras da Paraíba (MMT/PB): mobilização social, trabalho e relações de gênero.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Geografia. Universidade Federal da Paraíba; João Pessoa, 2014.

FERREIRA, Ana Paula Romão de Souza. **Margarida, Margaridas: memória de Margarida Maria Alves (1933-1983) através das práticas educativas das Margaridas.** João Pessoa: Editora da UFPB, 2017.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. In: **Educação & Sociedade**, ano XXIII, n. 79, p. 257-272, 2002.

FRANÇA, Diego P. Irineu. **Teologia da Libertação e Práxis: memórias territoriais de lágrimas e luta pela terra na região de Guarabira.** Curitiba: EDITORA CRV, 2020.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Trad. Laurent L. Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990

LACERDA, Lua. Margarida Maria Alves pode ser a primeira santa paraibana pela Igreja Ortodoxa; entenda. In: **Jornal da Paraíba**. 14 de julho de 2022. Disponível em <https://jornaldaparaiba.com.br/noticias/margarida-maria-alves-pode-se-tornar-a-primeira-santa-paraibana-pela-igreja-ortodoxa-entenda/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROSA, Susel Oliveira da. Mulheres versus ditadura, latifúndio e Misoginiana. In: **Estudos sociológicos**. Araraquara, v. 20, n. 39, p. 309-324. jul.-dez. 2015.

SOBREIRA, Dayane Nascimento. **“Olha Brasília está florida, estão chegando as decididas”:** experiências de um feminismo rural no Brasil a partir da Marcha das Margaridas. Tese de Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo– Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

SILVA, Alômia Abrantes da. **Paraíba, mulher macho**: tessituras de gênero, (desa)fiões da história. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em História. Recife: Universidade Federal do Pernambuco, 2008.